

Reflexão sobre a mortalidade em Porto Alegre (1773-1797) **Ana Silvia Volpi Scott^I**Denize Terezinha Leal Freitas^{II}**Jonathan Fachini da Silva^{III}**José Carlos da Silva Cardozo^{IV}**Marcelo Silveira Valadas^V***Introdução**

Os estudos que estão sendo desenvolvidos no projeto *População e Família no Brasil meridional dos meados do século XVIII às primeiras décadas do século XIX* abrangem tanto o levantamento quanto a análise da documentação disponível na Cúria Metropolitana de Porto Alegre relativa às freguesias do continente do Rio Grande de São Pedro.

O projeto em andamento fundamenta-se, do ponto de vista teórico-metodológico, nos procedimentos tanto da demografia histórica quanto da história da população, história social e está direcionado para o desenvolvimento de um banco de dados que permitirá fazer análises sobre o comportamento da população de Porto Alegre, no período entre 1772 e 1845. Cabe destacar ainda que esta pesquisa integra-se a um projeto maior “ALÉM DO CENTRO-SUL: POR UMA HISTÓRIA DA POPULAÇÃO COLONIAL NOS EXTREMOS DOS DOMÍNIOS PORTUGUESES NA AMÉRICA”, que lançou as bases de um projeto interinstitucional e de abrangência nacional, que padronize procedimentos metodológicos para a coleta e o tratamento das fontes documentais. Desta maneira possibilitando análises comparadas no tempo e no espaço e expandindo os estudos de história demográfica, articulado em torno do Grupo de Pesquisa CNPq *Demografia & História*. Um dos objetivos principais do referido projeto é dar início a uma discussão a respeito dos regimes demográficos diferenciados do passado brasileiro por meio da exploração sumária e amostral das fontes paroquiais (assentos de batizado, casamento e óbito) selecionadas.

Para esta comunicação privilegamos a exploração das informações já disponíveis no banco de dados da pesquisa, apresentando uma descrição das mesmas, relativas aos assentos de óbito registrados a partir de 1773 (ano da criação da paróquia) até os finais do século XVIII, na freguesia

* Trabalho apresentado no seminário internacional “Saúde: Corporeidade-Educação”; XVIII Simpósio de História da Imigração e Colonização, realizado na UNISINOS/RS, de 17 a 19 de setembro de 2008.

^I Prof^a Dr^a do PPG/História-UNISINOS.

^{II} Mestranda em História/UNISINOS,

^{III} Acadêmico de História/UNISINOS, bolsista FAPERGS.

^{IV} Mestrando em História/UNISINOS e Acadêmico em Ciências Sociais/UFRGS.

^V Acadêmico de História/UNISINOS, bolsista UNIBIC.

Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre. A partir daí, temos condições de fazer uma análise preliminar da mortalidade, com base nos dados quantitativos coletados, representados através de alguns quadros e gráficos que são a base desta comunicação.

No período selecionado para esta amostra coletamos as informações contidas em 915 assentos de óbitos. Com isso podemos apresentar, inicialmente, a curva relativa à evolução de mortalidade no período escolhido. Além disso, os dados permitem uma análise da mortalidade por sexo, idade de falecimento dos indivíduos e naturalidade dos mesmos. O primeiro e importante resultado ressaltado por essa abordagem é a intensa mobilidade geográfica da população que vinha a falecer na freguesia de Nossa Senhora Madre de Porto Alegre no período colonial. Aliás, a variável demográfica da mobilidade é um tema que vem sendo discutido entre os estudiosos da população colonial e se constitui num dos grandes desafios a serem enfrentados pelos pesquisadores, como bem demonstrou Sergio Nadalin em artigo publicado há alguns anos².

Entretanto, antes de avançar na discussão sobre o panorama da mortalidade na freguesia da Madre de Deus de Porto Alegre no final do século XVIII, gostaríamos de fazer algumas considerações sobre o estudo da morte, analisando alguns textos produzidos sobre o tema e que analisam o período colonial.

Morrer na Colônia

O que era morrer no período colonial? Essa é a questão de fundo que pautará nossas reflexões.

A temática da morte passou a fazer parte do universo de interesse dos historiadores principalmente após as obras pioneiras de Philippe Ariès, *Essais sur l'histoire de la mort en Occident: du Moyen Âge à nos jours* (1975) e Michel Vovelle, *Piété baroque et déchristianisation en Provence au XVIII^e siècle. Les attitudes devant la mort d'après les clauses de testaments*, (1978). Com os estudos clássicos desses autores percebeu-se que a concepção de morte ou as *attitudes perante a morte* eram construções históricas e culturalmente determinadas e, como tais foram tomando novas formas e novos sentidos no decorrer do tempo e conforme os diferentes espaços.

Muito diferente de nosso presente em que a morte está oculta, ou seja, é cuidadosamente evitada e afastada de nossos pensamentos, fruto de sua banalização no século XX (guerras mundiais, campos de extermínio). Além disso, neste mesmo século a medicina avança e se

² NADALIN, S. O. (2003). A população no passado colonial brasileiro: mobilidade *versus* estabilidade. *Topoi*, 4(7), jul-dez., p. 222-243.

qualifica aumentando a expectativa de vida, tirando a morte de nosso cotidiano e a individualizando. Como bem argumenta o teólogo Martin Dreher:

Além de tabu, camuflada por inúmeros artifícios, a morte em nossos tempos (...) foi privatizada, dobrando-se as leis da economia de mercado. A morte não é mais questão de família, mas de uma indústria que se encarrega dela.³

Se a morte atualmente é privada no passado era algo público, tornava-se um evento que envolvia todos os segmentos sociais tanto ricos quanto pobres. Dentro de um imaginário cristão a morte nos séculos passados era tida como uma das maiores preocupações, tanto de homens quanto de mulheres, os quais organizavam seus próprios funerais e preocupavam-se em fazer todos os preparativos necessários para ter uma *boa morte*.

As concepções sobre o mundo dos mortos e dos espíritos, a maneira como se esperava a morte, o momento ideal de sua chegada, os ritos que a procediam e sucediam, o local da sepultura, o destino da alma, a relação entre vivos e mortos – eram todas questões sobre as quais muito se pensava, falava, escrevia e em torno das quais se realizavam ritos, criavam-se símbolos, movimentavam-se devoções e negócios.⁴

Para entendê-la a partir do imaginário da época devemos analisá-la como uma espécie de negociação entre vivos e mortos, pois a morte não era vista como um fim e sim como uma passagem para a vida eterna. A imortalidade da alma era, e é, uma crença fundamental para o cristianismo. Após a morte o fiel passava direto para o julgamento celestial, dessa forma a morte definitiva da alma acontecia quando esta era condenada para o *Inferno*, neste caso a morte definitiva.⁵

No entanto por mais pecador que o sujeito tenha sido, havia um lugar para espiar suas culpas, era o *Purgatório* um local para mediar essa negociação, o *inferno temporário* como o denomina Jacques Le Goff. Era onde o agonizante precisaria ter, além do arrependimento de seus pecados, o apoio dos vivos na forma de missas, orações e promessas a santos que o ajudariam a encurtar sua estadia no *Purgatório*, para o mais breve possível e ao ser absolvido de seus “erros”, ter a possibilidade de desfrutar do *Paraíso*. Todo o apoio dos vivos desde as orações até suas relações com os rituais funerários configuravam a *boa morte*.⁶

³ Em entrevista para a Revista IHU (Instituto Humanitas Unisinos), 27/10/2008, pág.10-12.

⁴ REIS, 1997, pág.96.

⁵ Ver: REIS, João José, *A Morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: CIA das Letras, 1991. Especialmente os capítulos 3 (Atitudes diante da morte) e 4 (A hora da morte: formas do bem morrer).

⁶ *Ibidem*.

Esse panorama geral sobre morte era válido para toda a Europa católica, no período do Antigo Regime e, portanto, semelhantes comportamentos que estabelecem esses vínculos entre vivos e mortos, podem ser encontrados tanto em Portugal como nas suas colônias do Novo Mundo.

Um ditado português datado do século XVIII ilustra bem este *pensamento contratual*: “*duas mortes sofre, quem por mão alheia morre*”.⁷ As atitudes diante da morte estavam presentes no imaginário através de uma série de crenças populares. Algumas delas demonstram inclusive a importância fundamental da administração dos sacramentos para os moribundos, pois admitiam que não se era preciso mais ter levado uma vida demasiadamente “virtuosa”, bastava receber todos os sacramentos em seu funeral e deixar legados pios em formas de missas pagas. Estas eram maneiras suficientemente aceitas para suprir uma vida de pecados. Com isso, podemos ter uma noção clara da importância não só dos rituais que envolviam a passagem para a vida eterna, como a correta administração dos sacramentos e o registro dos assentos, onde figuravam informações sobre a morte dos indivíduos.

Na colônia a preocupação com a *boa morte* também era constante. Não era só era um acontecimento público presente no dia-a-dia das pessoas, como era pleno de rituais que permitiam a construção de importantes relações sociais. Como na Europa, era também uma maneira de preparar os indivíduos para a morte, como representava uma preocupação coletiva dos católicos que visavam atingir o *paraíso*.

Características dos assentos de óbito da Madre de Deus de Porto Alegre

Os registros paroquiais representam o instrumento utilizado pela Igreja para controlar a vida dos fiéis católicos. No caso da América Portuguesa as disposições para produção destes registros estavam descritas nas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, que eram as diretrizes administrativas da Igreja Católica, adaptada para realidade colonial do Brasil - seguindo o que foi determinado no Concílio de Trento.

A primeira questão que nos preocupou foi analisar o conteúdo das informações encontradas nos registros de óbitos, produzidos para a freguesia Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre e compará-lo com as Constituições Primeiras. O quadro abaixo faz uma síntese do que encontramos. Observamos que algumas informações arroladas nos registros de óbitos da Madre de Deus de Porto Alegre que não estavam no rol das determinações fixadas pelas Constituições Primeiras. Como se verifica no destaque no quadro acima, tais dados dizem respeito à causa morte

⁷ REIS, 1997, pág. 99.

e às ocupações dos indivíduos. Ainda é necessário frisar que esta última informação aparece relativamente em poucos casos, e quando é indicada, normalmente fazia referência a funções militares e religiosas exercidas pelos indivíduos.

| <i>Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia</i> | <i>Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre</i> |
|--|---|
| ▶ Data da Ocorrência | ▶ Data da Ocorrência |
| ▶ Nome do Falecido | ▶ Nome do Falecido Prenome para Inocentes |
| ▶ Naturalidade do Falecido | ▶ Ocupação (em poucos casos) |
| ▶ Idade do Falecido (se Comodamente puder saber) | ▶ Idade do Falecido |
| ▶ Estado Civil ou nome dos pais | ▶ Com ou sem Sacramentos |
| ▶ Com ou sem os Sacramentos (os quais que haver) | ▶ Estado Civil, Cônjuges, Nome dos Pais (condição de filho) ou Proprietário |
| ▶ Local do Sepultamento | ▶ Causa Morte (1799) |
| ▶ Deixou Testamento ou não | ▶ Naturalidade |
| ▶ Número de Missas por sua Alma | ▶ Deixou Testamento ou não (notoriamente Pobre) |
| ▶ Número de ofícios | -Nome dos Testamenteiros |
| ▶ Situação Social (notoriamente Pobre) | -Nome dos Herdeiros |
| | ▶ Local do Sepultamento |
| | ▶ Assinatura do Vigário |

Quadro 1 – Análise comparada das informações

Sabemos da importância desta informação para os estudos sobre mortalidade, pois certamente devemos pensar a morte não afetava toda a população da mesma maneira, e com certeza ela estava diretamente vinculada às condições de vida e de saúde dos indivíduos, que variavam, de acordo com os grupos sociais e profissionais. Assim, o estudo da mortalidade deve levar em consideração outros diversos fatores, que ajudariam a explicar os diferenciais de mortalidade, não só por conta do sexo, idade, estatuto jurídico, mas o clima e também os hábitos e costumes das populações, como, por exemplo, os hábitos de alimentação, de higiene, de vestuário etc.

A causa da morte aparece frequentemente registrada a partir do ano de 1799. Mas observa-se que nesta informação, na maioria das vezes, registrou-se o *sintoma* da enfermidade dado como causa da morte: “morreu de febre”, “do ar”, “disenteria”, “câmaras de sangue”, entre outras. Apesar desse problema, são indicadores importantes que contribuem para análise da condição da saúde da população de Porto Alegre no passado.

Além disso, não podemos esquecer que Porto Alegre, já nesta época, recebia diversas embarcações, o que pode ser um indicativo de “porta de entrada” de muitas doenças. Contudo,

encontrar um caminho em meio a estas informações lacunares e que dê pistas sobre as condições sanitárias de Porto Alegre nesta época não é fácil.

No entanto não poderemos avançar muito mais nesta empreitada utilizando apenas os dados coligidos nos assentos de óbitos, uma vez que as informações disponíveis não deixaram pistas suficientes para encontrar as causas reais das mortes nesta população, pois são superficiais devido aos diagnósticos visuais que eram realizados.

As limitações encontradas nos registros de óbitos analisados, contudo não é uma exclusividade das fontes exploradas nesta comunicação. Realizamos uma comparação entre os registros de óbitos da Madre de Deus de Porto Alegre com os resultados de outras pesquisas que exploraram as mesmas fontes. Destacamos aqui dois trabalhos selecionados para esta comparação, que analisam as regiões de Minas Gerais e São Paulo. Iraci del Nero da Costa, realizou um estudo sobre a paróquia de Nossa Senhora de Antonio Dias em Minas Gerais e Maria Luiza Marcílio analisou o comportamento da população da cidade de São Paulo a partir dos registros de óbitos da Paróquia da Sé. A comparação revela aspectos de interesse, apresentados no quadro abaixo:

| <i>Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre</i> | <i>Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias</i> | <i>Paróquia da Sé, São Paulo</i> |
|---|---|---|
| ▶ Data da Ocorrência | ▶ Data da Ocorrência | ▶ Data da Ocorrência |
| ▶ Nome do Falecido Prenome para Inocentes | ▶ Nome ou prenome para inocentes | ▶ Nome do Falecido ou Prenome para Inocentes |
| ▶ Ocupação (em poucos casos) | ▶ Últimos Sacramentos dispensados | ▶ A origem e Residência do Falecido |
| ▶ Idade do Falecido | ▶ Local de Moradia e da Sepultura | ▶ Causa Morte (1799) |
| ▶ Com ou sem Sacramentos | ▶ Assinatura do Clérigo | ▶ Tratando-se de solteiro, indicava-se sua filiação |
| ▶ Estado Civil, Cônjuges, Nome dos Pais (condição de filho) ou Proprietário | ▶ Causa Morte (1799 – 1801) | ▶ Tratando-se de Casados, indicava-se o nome dos cônjuges |
| ▶ Causa Morte (1799) | ▶ Estado Civil, Cônjuges, Nome dos Pais (condição de filho) ou Proprietário | ▶ Tratando-se de Viúvo, o nome do Cônjuge |
| ▶ Naturalidade | ▶ Naturalidade | |
| ▶ Deixou Testamento ou não (notoriamente Pobre) | ▶ Hábitos no velório | |
| -Nome dos Testamenteiros | ▶ Valor pago para os padres na missa de corpo presente | |
| -Nome dos Herdeiros | | |
| ▶ Local do Sepultamento | | |
| ▶ Assinatura do Vigário | | |

Quadro 2 - Comparação das informações entre Paróquias

Percebemos que há uma concordância no surgimento da informação sobre a causa da morte nos registros de óbitos produzidos para as regiões que aqui se apresentam. Levantar uma hipótese que explique o porquê desta semelhança ainda não é possível, pois será preciso explorar outros documentos referentes à administração eclesiástica do período.

Outras especificidades são observadas nesta comparação, como por exemplo, os hábitos no velório que apareceram nos registros na Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias. Esta informação raramente aparece nos registros da madre de Deus de Porto Alegre no período estudado.

Mas os registros de óbito permitem analisar não só as questões que envolvem o aspecto demográfico da mortalidade. Encontramos nestes 915 registros diversas informações que podem fornecer ao historiador importantes pistas sobre as condições sociais das pessoas que faleciam, como seu estatuto jurídico, seu o estado conjugal, a existência de testamento, além de um dado fundamental que diz respeito ao grupo sócio-econômico, através das referências ao estado de “pobreza” dos falecidos, entre outros. Obviamente apenas a exploração dos registros paroquiais não poderá dar elementos para um aprofundamento dessas questões, mas com o cruzamento com outras fontes, será possível enriquecer sobremaneira a análise.

O quadro abaixo apresenta as informações encontradas:

| <i>Condição Social</i> | <i>Testamentos</i> | <i>Estado Matrimonial</i> |
|------------------------|-----------------------------|---------------------------|
| Dona = 24 | Com Testamento = 38 | Casados = 305 |
| Doutor = 1 | Sem Testamento = 8 | Masculinos = 183 |
| Escrava = 5 | | Feminino = 122 |
| Escravo = 8 | Testamentos por Sexo | Solteiros = 221 |
| Forra = 50 | Masculino = 21 | Masculinos = 201 |
| Forro = 39 | Feminino = 17 | Feminino = 20 |
| Pobre = 34 | | Viúvos = 81 |
| Sumamente Pobre = 53 | | Masculinos = 36 |
| | | Feminino = 41 |
| | | Indefinidos = 307 |

Quadro 3 - Informação sobre a Condição Jurídica e Social

Todas as informações reunidas nos assentos de óbito permitem entender e visualizar, além da questão da mortalidade, o perfil desta população da freguesia Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre.

Apresentamos na seqüência uma exploração preliminar dos dados seriados, que são apresentados a partir do conjunto de gráficos selecionados para esta comunicação, que foram

produzidos a partir dos dados coletados nos anos analisados. A primeira variável permitiu visualizarmos a incidência anual dos óbitos.

No primeiro gráfico, podemos perceber diversas as variações quanto ao número de óbitos ao longo do período. Devemos ressaltar que a população de Porto Alegre em 1780 era de 1512 habitantes, sendo que em 1798 chegou há 3268 o número de almas, segundo os censos realizados neste período⁸.

A elevação no número de óbitos mais evidente é relativa ao ano de 1776. O que podemos inferir que o motivo do grande aumento do número de mortes é o fato de que neste ano ocorreu batalha de retomada da Vila de Rio Grande por parte dos portugueses. Esta, ficou sob domínio espanhol desde 1763. É possível destacar tal hipótese devido ao número de soldados registrados no livro de óbitos da Madre de Deus, sendo parte dos 95 registros do total de 915 analisados.

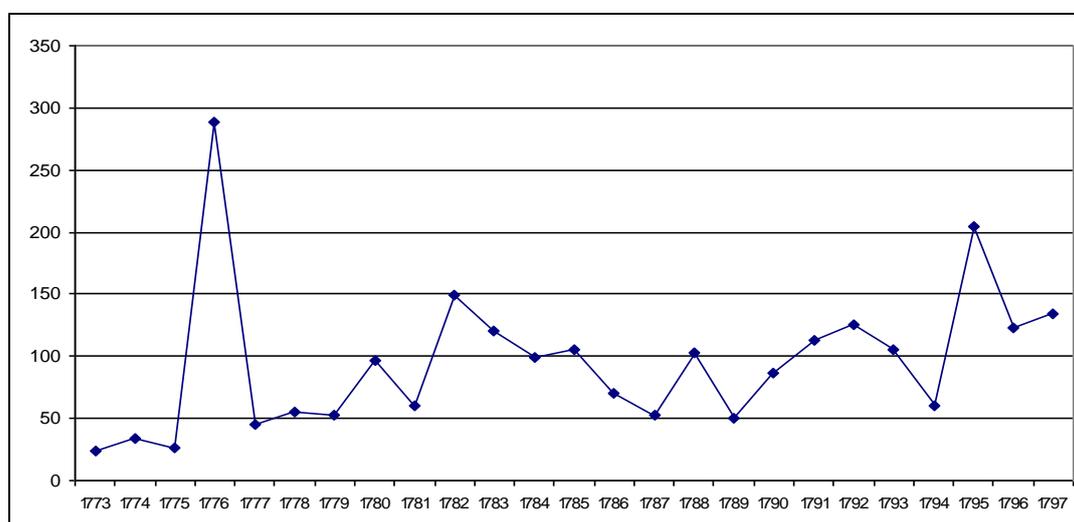


Gráfico 1 - Evolução dos Óbitos por Ano (1773-1797)

Pouco mais pode ser dito sobre a curva do gráfico por conta da falta de informações que fundamentem a variação, até porque não é intenção deste trabalho aprofundar essa análise porque estamos nos primeiros estágios de coleta dos dados e realizando a leitura da bibliografia pertinente à demografia histórica e à historiografia gaúcha relativa ao período colonial. Estamos apresentando apenas as informações contidas nos registros paroquiais estudados sobre a mortalidade a partir deste primeiro gráfico. Teremos que buscar outras fontes que forneçam as informações necessárias para contextualizar os mesmos.

Isto porque, neste gráfico, existem outros picos nos óbitos, como em 1795, que encontramos o nível de mortalidade muito acima da média. O gráfico representa no índice 100 o

⁸ Dados que são informados em: SANTOS, Corcino Medeiros. **Economia e Sociedade do Rio Grande do Sul**. São Paulo: Fundação Nacional Pró-Memória, 1984, p.33 e p.35.

número médio de mortes que é de 38 óbitos por ano. Segundo Carlota Fernandes dos Santos, estamos diante de uma pequena crise quando o número de mortes, num determinado ano, supera em pelo menos 50% a respectiva média e uma grande crise quando esse número a quadruplica⁹. Conforme os estudos avançarem, respostas e questões para crises de mortalidades como estas em Porto Alegre poderão ser buscadas.

O gráfico seguinte analisa a questão da sazonalidade dos óbitos, ao longo de todo o período estudado. Neste podemos observar que há um aumento dos falecimentos nos meses que correspondem ao inverno e ao verão. Mas salienta-se que entre fevereiro e março existe um número maior de óbitos justamente por serem os meses em que ocorreram os conflitos que levaram a retomada de Rio Grande pelos portugueses.

No geral, percebe-se que nos meses de temperaturas mais extremas, sejam baixas ou elevadas, são os que mais apresentam ocorrências de óbitos.

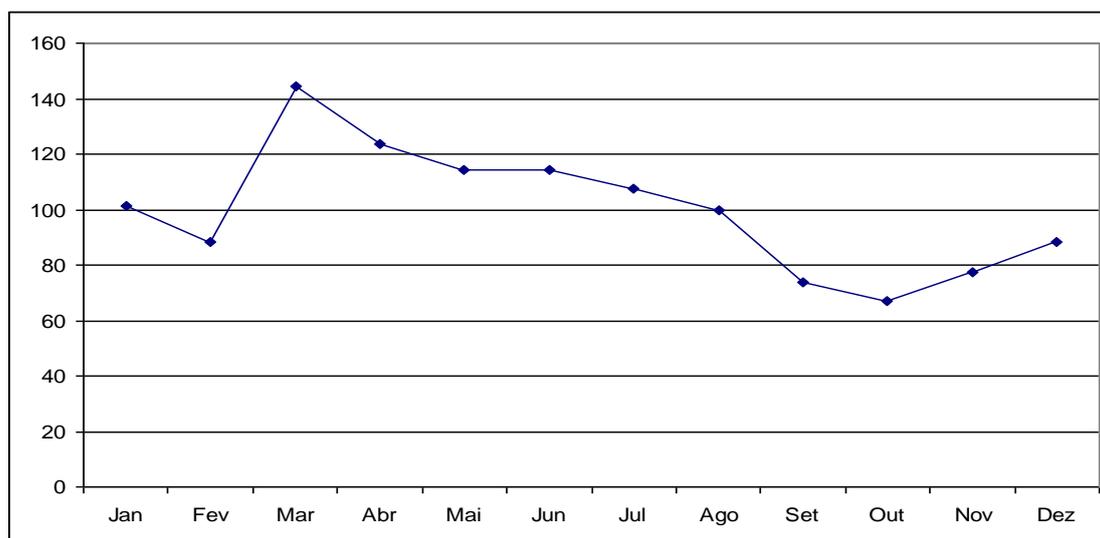


Gráfico 2 - Sazonalidade dos Óbitos em Porto Alegre (1773-1797)

Para compararmos com as informações que estamos estudando, organizamos um gráfico semelhante ao que estamos utilizando com as informações encontradas por Carlos Bacellar no seu estudo sobre a vila de Sorocaba, conforme está exposto a seguir.

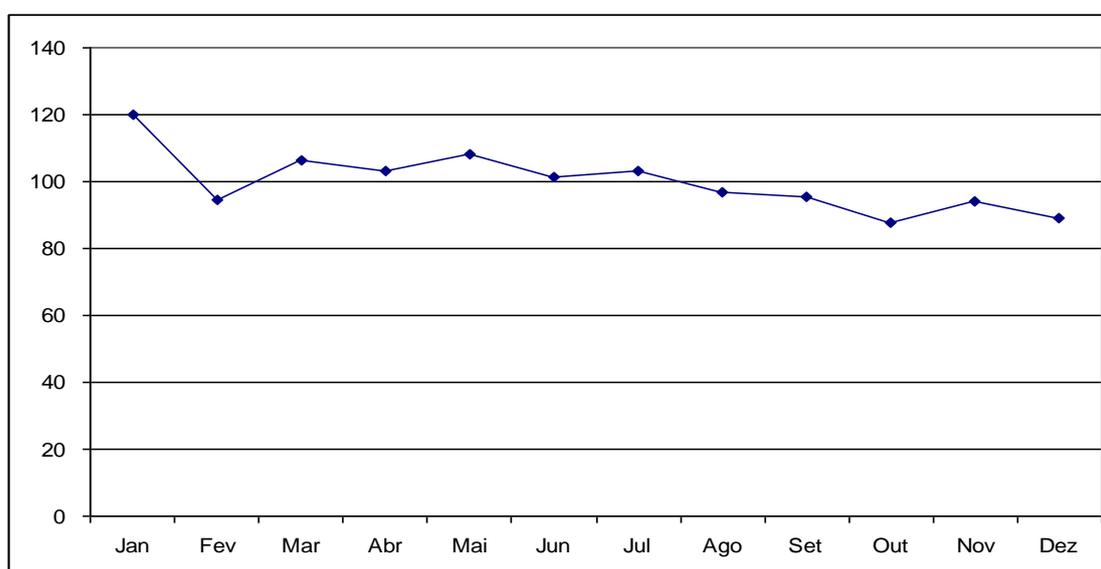
Segundo Bacellar,

Os meses de janeiro a julho eram momentos de altas mortalidades, sempre acima do índice de 100, enquanto os meses de agosto a dezembro pairavam abaixo deste número. Em termos de clima, é possível relacionar a alta da sazonalidade com quentes meses do verão e do outono, ao passo que durante o inverno e a primavera

⁹ SANTOS, 2008, p. 132.

a frequência cai. A mortalidade elevada nos meses quentes está ligada à maior ocorrência de febres, desidratação e outras doenças típicas de clima quente.¹⁰

Observando esta conclusão e comparando-a com as informações encontradas nos assentos de óbitos da Madre de Deus de Porto Alegre, percebemos uma realidade diferente, pois as ocorrências de mortalidade mais elevadas são no inverno e no verão, sendo que no primeiro caso estão concentrados os maiores números de falecimentos. Possivelmente o clima é um fator importante para analisarmos a condições vida e de saúde de uma população, mas sabemos que muitos outros fatores podem influenciar esta variável e que precisam de atenção para entender como era viver nas paróquias e vilas do Brasil no período colonial. Seguramente as condições variavam muito não só em termos da região, mas também em relação aos tipos de atividades econômicas desenvolvidas, os grupos sociais, e assim por diante.



Fonte: BACELAR, 2001, Tabela XXVIII, p.104.

Gráfico 3 - Sazonalidade dos Óbitos em Sorocaba (1681-1810)

A falta de trabalhos no âmbito da demografia histórica brasileira, relativos ao estudo da mortalidade talvez justifique a superficialidade com que esta temática tem sido tratada. O principal problema para o pesquisador. Os poucos trabalhos que tratam o assunto apenas apresentam análises extraídas de registros paroquiais, sendo esta, como pudemos perceber uma fonte que apresenta informações importantes para análise quantitativas, porém, trazem dados lacunares sobre as causas das mortes.

Contudo, esta era uma informação não exigida pelas Constituições Primeiras, e que passou a ser arrolada com regularidade apenas a partir de 1799 nos assentos produzidos para Madre Deus de Porto Alegre. Contudo, como vimos, mesmo quando existe este tipo de informação disponível,

¹⁰ BACELLAR, 2001, p. 196.

as conclusões sobre as causas das mortes ficam comprometidas, pois em grande parte apenas são descritos os sintomas que levaram ao óbito dos indivíduos. Em alguns casos os sintomas indicados permitem que possamos relacionar com o clima, por exemplo, a “disenteria”, que aparece com mais frequência nos registros produzidos em 1799 e no início do século XIX em diante, principalmente no verão.

Mas pensar nesta questão do clima leva-nos a refletir sobre a adaptação de pessoas de outras freguesias com o clima de Porto Alegre. Todavia, é uma questão que merece muita atenção ainda dos que se aventuram a estudar a saúde pública no passado. Encontrar estas pistas sobre isso no conjunto de fontes, que certamente os assentos de óbitos da Madre de Deus não trazem, requer que se considere uma série de fatores.

Mas os registros estudados para esta comunicação, também apresentam informações sobre a naturalidade dos indivíduos, na maioria dos casos. Separamos por sexo a naturalidade dos indivíduos para apresentar o que muitos historiadores já haviam constatado e até hoje isto é visível: a maior mobilidade geográfica da população masculina.

A primeira questão que podemos inferir é a quantidade elevada de indivíduo que falecem e para os quais não temos informação sobre a sua naturalidade. E isso é válido tanto para o sexo masculino, quanto para o feminino. A intensa mobilidade é um dado respaldado pela importância dos indivíduos naturais de outras capitâneas, assim como os reinóis (sejam naturais do continente ou das ilhas).

Também a referir que os indivíduos, homens e mulheres naturais dos domínios espanhóis, apesar dos conflitos constantes, circulavam entre os territórios das coroas ibéricas, e até mesmo tiveram suas mortes assentadas na paróquia da Madre de Deus.

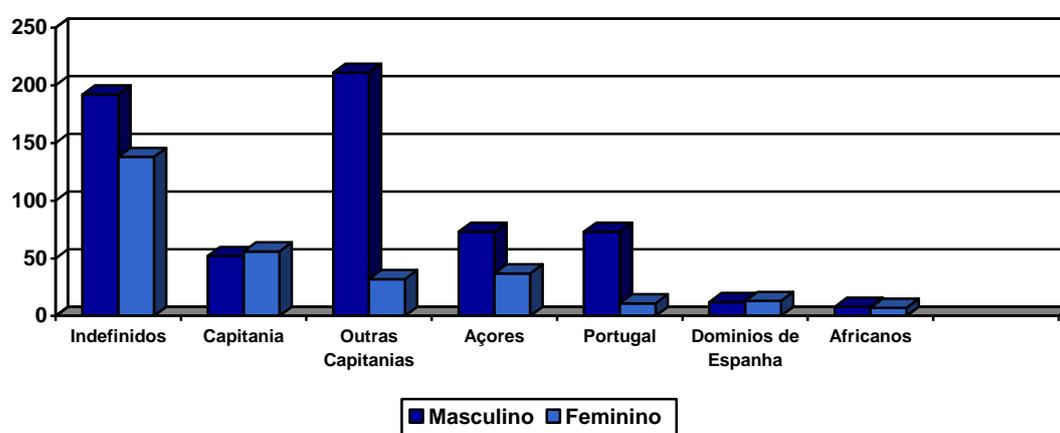


Gráfico 4 - Naturalidade dos falecidos em Porto Alegre

Além disso, como podemos perceber, a evolução da mortalidade masculina é maior que a feminina em quase todos os anos trabalhados, embora a curva apresente uma inflexão semelhante. Com exceção do ano de 1775, as altas e baixas na curva de óbitos por sexo é semelhante, entre ambos os sexos.

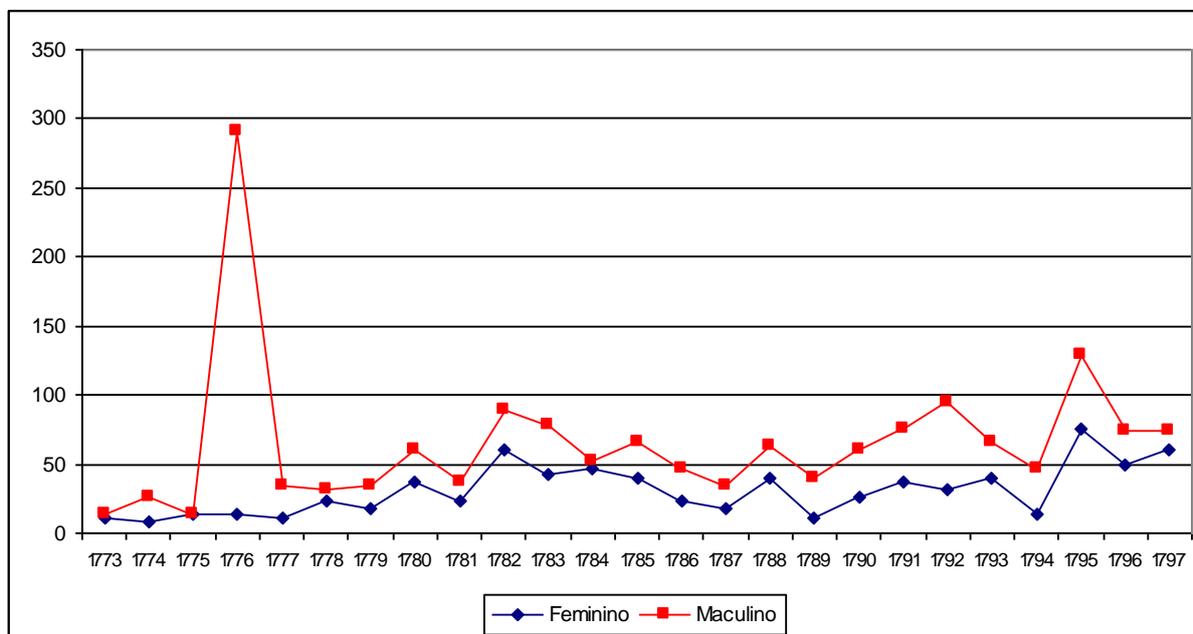


Gráfico 4 - Evolução dos Óbitos por Sexo (1773-1797)

Enfim essas são algumas análises preliminares, que indicam as possibilidades apresentadas pelas fontes e que serão aprofundados ao longo da pesquisa.

Referências Bibliográficas:

- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- _____. **Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média**. Lisboa: Teorema, 1989.
- BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. **Viver e sobreviver em uma vila colonial: Sorocaba, séculos XVIII e XIX**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2001.
- GRAEBIN, Cleusa Maria. Vida Cotidiana dos açorianos pelas freguesias e caminhos. In: Boeira, Nelson. **História Geral do Rio Grande do Sul**. Colônia Volume 1. Passo Fundo: Méritos, 2006.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. **A cidade de São Paulo: Povoamento e População, 1750-1850**. São Paulo: Pioneira/ EDUSP, 1973.
- NADALIN, Sérgio Odilon. **História e Demografia: Elementos para um Diálogo**. Campinas: Associação Brasileira de Estudos Populacionais – ABEP, 2004.
- OSORIO, Helen. **O Império Português no Sul da América: Estancieiros, Lavradores e Comerciantes**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

REIS, João José. O cotidiano na morte no Brasil oitocentista. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de. (org.) **História da Privada no Brasil, 2**. São Paulo: Cia da Letras, 1997.

SANTOS, Carlota Maria Fernandes dos. **Biodemografia do Conselho de Madalena: Estrutura demográfica e genética de uma população açoriana na Ilha do Pico**. Município de Madalena do Pico, 2008.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Vida privada e quotidiana no Brasil na época de D. Maria I e D. João VI**. Lisboa: Estampa, 1993.